

Esta publicação apresenta estudos sobre Paisagem e Território. Resultado de pesquisa conjunta realizada por equipes da Universidade Estadual de Londrina – Brasil e Universidade de Coimbra – Portugal.

Os textos apresentam resultados de vistas, trabalhos de campo e expedições. Olhar, Perceber, Avaliar. Revelam as possibilidades de pesquisa comparativa conjunta.

Patrocínio:
PROFETO CAPES/FCT



CAPES

FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Universidade
Estadual de Londrina



9 788578 465841

PAISAGEM E TERRITÓRIO: EXPEDIÇÕES

Humberto Yonemaki e Lúcio Cunha (orgs.)



Universidade
Estadual de Londrina

Reitor Sérgio Carlos de Carvalho

Vice-Reitor Décio Sabbatini Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Biblioteca : Marlova Santurio David - CRB 9/1107

P149 Paisagem e território: expedições / Humberto Yamaki e Lúcio Cunha
(orgs.). - Londrina : UEL, 2019.
85 p. : il.

Inclui bibliografia.

Vários colaboradores.

ISBN 978-85-7846-584-1

1. Avaliação paisagística - Brasil. 2. Avaliação paisagística - Portugal.
3. Geografia urbana. 4. Coimbra - Geografia. 5. Morfologia urbana. 6.
Território. I. Yamaki, Humberto. II. Cunha, Lúcio.

CDU 712(81)(469)

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
PAISAGENS DA ÁGUA NO BRASIL E PAISAGEM DE ROCHAS EM PORTUGAL	
Lúcio Cunha	9
PAISAGENS DA ÁGUA NO BRASIL - ANÁLISE EXPLORATÓRIA	9
PAISAGEM DE ROCHAS EM PORTUGAL - NOTAS DE UMA EXPEDIÇÃO	17
Humberto Yamaki	17
OLHAR, SENTIDO, CARÁTER DA PAISAGEM E RISCOS	
UM OLHAR SOBRE AS PAISAGENS PORTUGUESAS: COIMBRA POR MEIO DE CROQUIS	27
Blanca Cristiane Torres	27
Lélia Aparecida Veiga	27
Alan Alves Allevi	27
EM BUSCA DO SENTIDO DA PAISAGEM: PERCURSOS POR LONDRIANA (BRASIL) E COIMBRA (PORTUGAL)	39
João Delgado Paschoal Moura	39
Danieli Barbosa de Araújo	39
CARÁTER DE PAISAGEM VERNACULAR - SALINAS DE FIGUEIRA DA FOZ EM PORTUGAL	51
Humberto Yamaki	51
Bruno Frank	51

CARÁTER DE PAISAGEM VERNACULAR - SALINAS DE FIGUEIRA DA FOZ EM PORTUGAL

Humberto Yamaki

Coordenador do Laboratório de Paisagem UEL

Bruno Frank

Pesquisador do Laboratório de Paisagem UEL

Introdução

As Salinas do Baixo Mondego constituem uma das paisagens de reconhecimento nacional em Portugal. Têm características que J.B. Jackson (1984) traduziu como paisagem vernacular: “um impressionante mostuário de devoção, aos costumes (tradição), ... uma exaustiva e surpreendente simplicidade (ingenuidade) em encontrar soluções práticas, em curto espaço de tempo.”

Segundo Clement (1999), o Registro Nacional Americano (NPS- *National Park Service, USA*) considera a classificação de paisagens históricas em: (1) vernacular, incluindo a etnográfica e (2) paisagem projetada. Histórica quando têm pelo menos cinquenta anos de existência ou ainda características relevantes que se definiram ainda que em menos tempo. Sendo assim a “[...] paisagem vernacular é o resultado de atividades humanas contínuas, usos do solo e escolhas. Podem apresentar arranjos específicos de recursos refletindo um uso intenso e significativo (CLEMENT, 1999, p.6-7 tradução nossa)”. Sob esse aspecto, o relevo, vegetação, circulação, corpos d’água, edificações e sistema de objetos definem o caráter visual e qualidades históricas intangíveis. Promove o senso de tempo e lugar.

J.B Jackson (1984) afirma que “[...] a beleza que vemos numa paisagem vernacular é a nossa imagem sobre a própria humanidade: trabalho árduo, desejo obstinado, tolerância mútua (1984, p.xii, tradução

nossa)” e continua: “[...] uma paisagem que permita com que essas qualidades se manifestem, tem beleza (idem, *ibidem*)”

É sob a perspectiva da paisagem vernacular e histórica que as salinas de Figueira da Foz em Portugal serão avaliadas. Este artigo constitui um estudo de caso que dá continuidade às pesquisas teóricas e de campo sobre permanência, resiliência e caráter da paisagem desenvolvida em trabalho anterior (FRANK, YAMAKI, 2018).

Breve Histórico

Segundo estudos de Rau (1984, apud DGADR, 2019) as primeiras salinas no Mondego datam do início do século XI. Consta que, em 1791 existiam cento e quinze salinas e seu número foi expandindo gradativamente.

Em meados do século passado existiam no Salgado de Figueira da Foz cerca de duzentos e vinte e nove salinas, navegáveis nas marés. Mais recentemente, em 2016, restavam apenas quarenta e duas salinas ativas. (ECOSAL, 2019).

A criação do Núcleo Museológico do Sal com um Centro Interpretativo Multidisciplinar em Figueira da Foz, em 2007, trouxe à tona a discussão sobre a revalorização das salinas e da atividades dos marroto – trabalhadores de sal e, paralelamente, a preocupação com a paisagem das salinas.

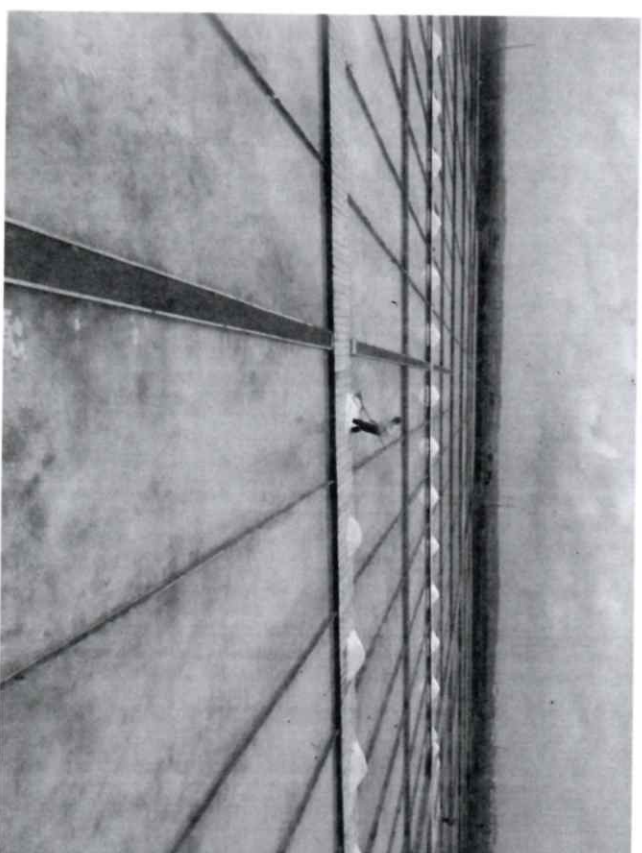
Jardim de Sal, uma Paisagem Vernacular

O Salgado ou conjunto de salinas de Figueira da Foz são também conhecidos como jardins de Sal (folder do Núcleo Museológico do Sal, 2019). O conjunto de pequenos cones de sal que são enfileirados durante a colheita define um conjunto singular. (Figura 1)

No interior da ilha, os talhões geometricamente cortados em pequenos retângulos são atravessados por tablados lineares de madeira natural onde é depositado o sal. Os compartimentos reticulados atingem várias colorações de branco, dependendo do grau de cristalização.

À distância, este conjunto permite reconhecer a funcionalidade e o peso da tradição. É um dos principais elementos que caracterizam a paisagem da ilha salineira.

Figura 1: Jardim de Sal – Cena de colheita.



Fonte: Yamaki, 2019.

Sistema de Produção do Sal

O sal resulta da evaporação da água canalizada das marés utilizando o calor do sol e ventos dominantes. Em Figueira da Foz, as salinas são constituídas de um conjunto de reservatórios e compartimentos formando

um reticulado. Existe um sistema hidráulico que interliga, através de canais, os vários reservatórios de evaporação. Etapas que podem chegar a sete e são denominadas de entrebanhos, cabeceiras e cristalizadores ou praias.

Técnicas e ferramentas tradicionais permitem aos marriotos (pessoa que trabalha o sal) controlarem o nível da água, a concentração progressiva do sal e a colheita. (DGADR, 2019). Sal e Flor de Sal são produzidos em Figueira da Foz. A Flor de Sal é constituída de cristais de sal que se formam na superfície da água durante a produção do sal. Um arsenal de ferramentas, espécie de rodos de madeira, é utilizado para a coleta manual da produção.

A localização dos canais e compartimentos, a incidência do sol e a direção dos ventos influenciam no processo de evaporação. Resultam na localização disposição e articulação dos componentes da paisagem.

Ponte de Acesso à Ilha

A área onde se localizam as salinas na Ilha de Morraceira é visível a partir de Figueira da Foz. Dali, da outra margem, é possível visualizar somente uma planície de capim verde e barracões de madeira pontuando o conjunto. Os tanques de cristalização não são visíveis. Ainda a distância, a ilha é um santuário de pássaros cuja revogada marca o sapal – área inundável.

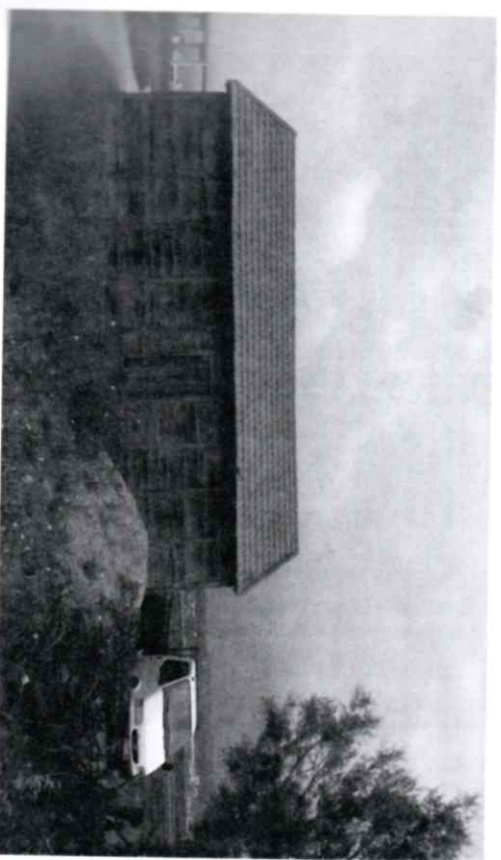
A única maneira de acesso à ilha é através da ponte Edgar Cardoso. Do alto da ponte podemos avistar uma panorâmica da ilha de seiscentos hectares, compartimentada em módulos retangulares de evaporação de superfície espelhada e um conjunto de caminhos intrincados. Avançando mais um pouco, estamos no plano das salinas.

Os Caminhos Internos – Labirinto de Sal

Uma rede labiríntica de caminhos se espalha pela ilha de Morraceira. Caminhos reconhecíveis aos marriotas, mas que dificulta a livre circulação de estranhos. É um traçado de “defesa”, reconhecível e familiar somente à comunidade local. Fato reforçado devido a questões sanitárias atuais. Uma placa na entrada dos tanques de colheita informa: “não é permitida a entrada de animais, fumar nas áreas de produção, comer e beber...”

Os caminhos são construídos sobre uma plataforma compactada, a cerca de 1 a 2 metros do nível de água. A largura é suficiente apenas para a passagem de dois carros lenta e simultaneamente. Os caminhos contínuos seguem os canais e diferem dos caminhos sem saída. Não há, portanto, cruzamento em cruz. Os acessos são usualmente em forma de “T” e “L”. Predominam caminhos perpendiculares ao rio Mondego. Refletem a posição dos canais de circulação e tanques de evaporação da água. Adequações ao fluxo da maré, sol e ventos definem o conjunto. (Figura 2)

Figura 2: Num caminho na ilha da Morraceira, o barracão de sal.

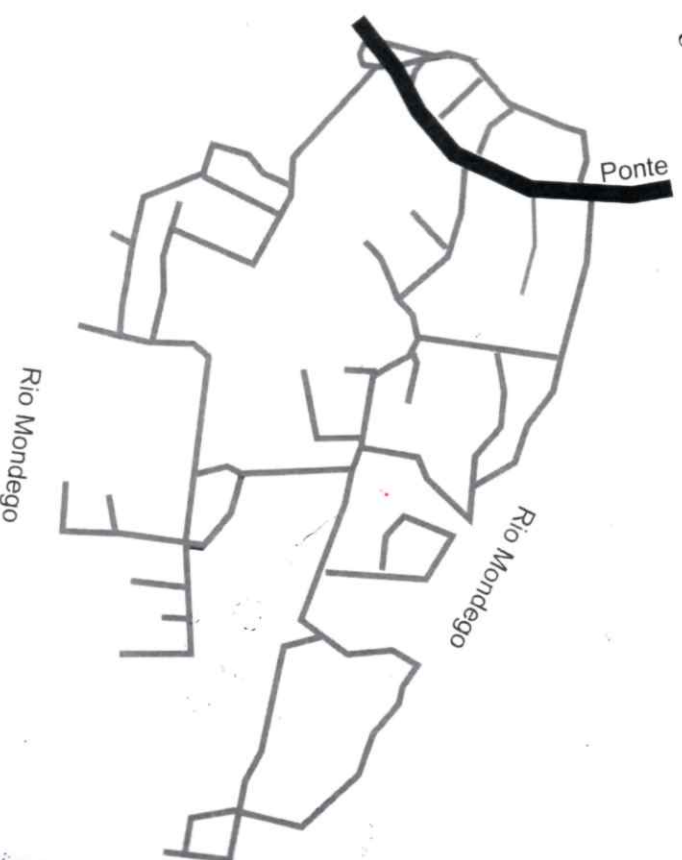


Ponte: Yamaki, 2019.

Uma comparação entre os caminhos atuais (Yamaki, 2019) e o levantado por Ribeiro em 2003, mostram pouca mudança. Os caminhos estão consolidados. (Figura 3) A troca de atividades de salineira para aquicultura deixa permanecer a geometrização constante da superfície da ilha.

A paisagem de salineira é resiliente, caracterizada pelas permanências.

Figura 3: Caminhos internos atuais da ilha da Morraceira.



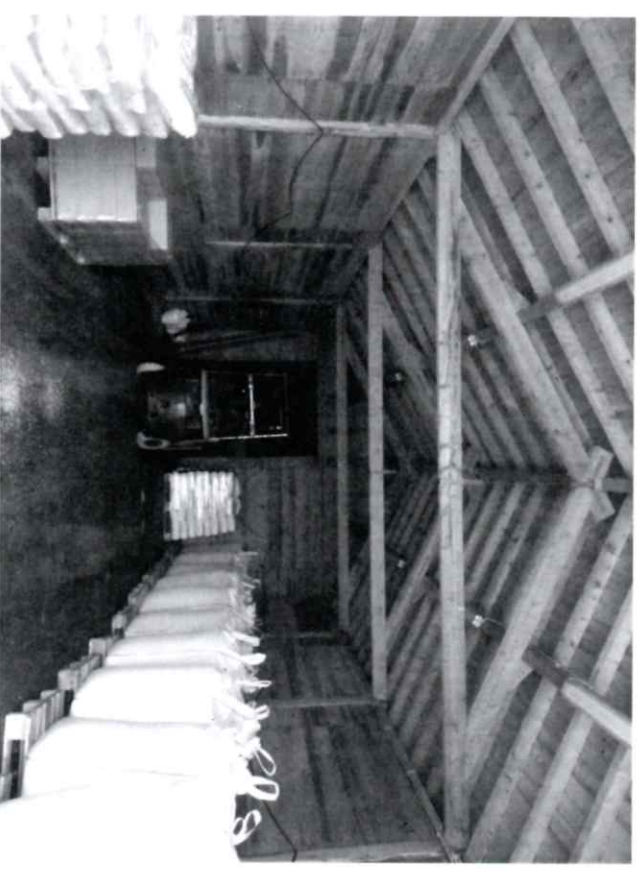
Fonte: Yamaki, 2019.

Barracões de Sal – Tipologia Tradicional

Os barracões de sal são componentes edificados marcantes na paisagem de sal. Serviam de depósito de 10 a 15 toneladas de sal cada um e moradia aos marnotas – trabalhadores de salinas. Estão distribuídos

às margens dos caminhos e segundo a orientação dos canais, insolação e ventos. São construções bastante robustas, de planta retangular e sem janelas, térreas, edificadas em madeira aparente, telhado cerâmico de duas águas. (Figura 4)

Figura 4: Interior de barracão de sal reconstruído segundo tipologia tradicional.



Fonte: Yamaki, 2019.

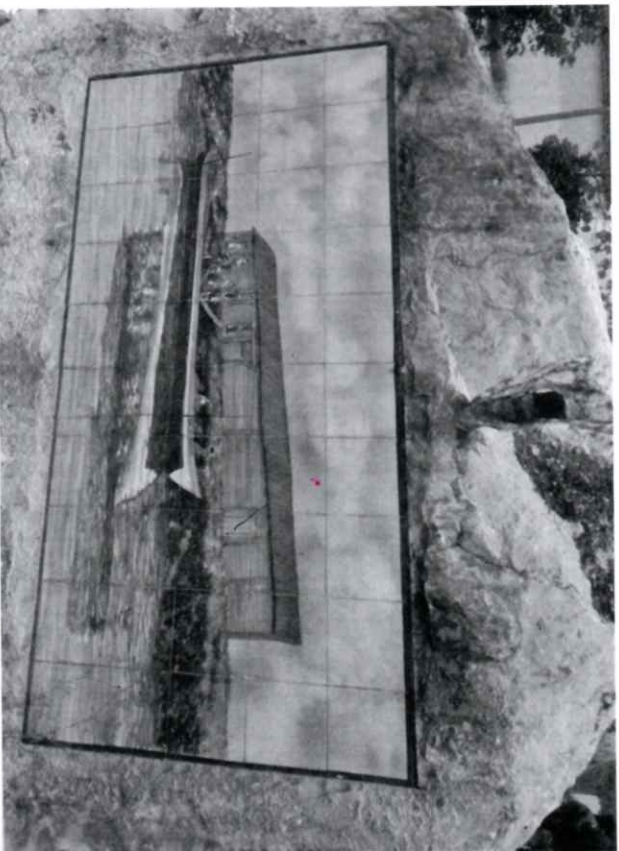
A implantação de barracões de sal tradicionais ocorre em locais de fácil acesso e visibilidade dos tanques de cristalização. Existe predominância de implantação com a face menor voltada aos ventos do mar.

Em recente visita ao local (2019), vários barracões estavam sendo reconstruídos em madeira aparente, seguindo a tipologia tradicional. Enquanto os barracões antigos eram feitos de toras roliças dos Pinhais

de Leiria, as novas são de tabuas beneficiadas trazidas da Alemanha. Tem durabilidade de algumas décadas.

Um painel de azulejos na ilha da Morraceira traz uma cena do cotidiano de uma família marnota. O batel de sal navega pelo canal em frente a um barracão de sal e moradia. Revela a continuidade na tradição de moradia e saberes tradicionais. (Figura 5)

Figura 5: Painel de azulejos mostrando um tradicional barracão de sal e batel.



Fonte: Yamaki, 2019.

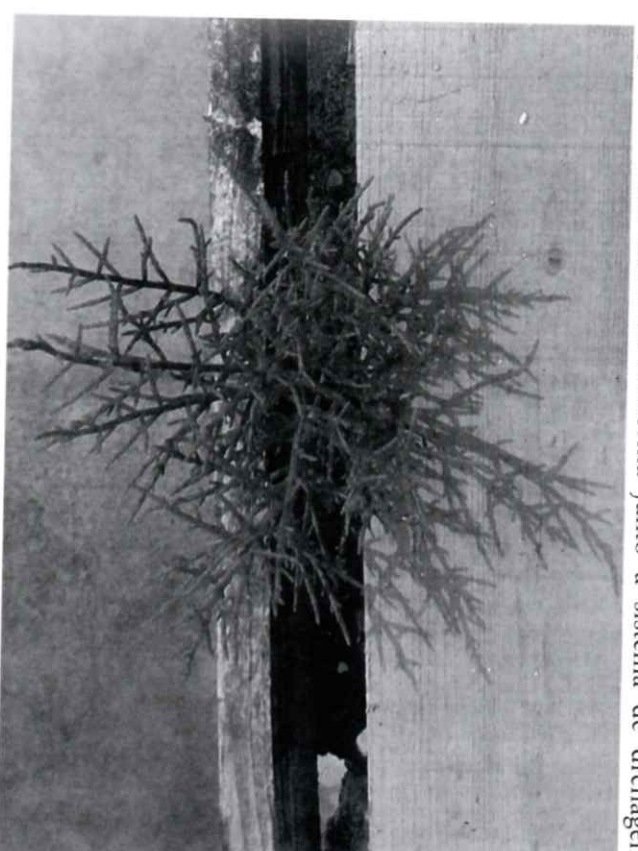
Salinas vivas e salinas abandonadas – Resiliência do componente da paisagem

As cerca de quatro dezenas de salinas remanescentes concentram-se no interior da ilha. O restante é utilizado para criatórios de aquicultura ou estão abandonados. Nas salinas vivas, os cones de sal em época de

colheita constituem momento marcante. Paisagem historicamente tradicional e significativa (MEYER, 2016).

Circulando pela ilha é possível perceber o contraste entre as salinas vivas e abandonadas. Os tanques de vaporização vazios são rapidamente ocupados por uma vegetação rasteira. São as salicornias, planta de folhas carnudas que resistem a solo altamente salinizado. Uma espécie invasora que atualmente é bastante apreciada para uso culinário. (Figura 6)

Figura 6: Uma muda de salicornia junto a sistema de drenagem.



Fonte: Yamaki, 2019.

Os caminhos intrincados resistem às transformações de uso. De salinas à aquicultura e salicornias. A paisagem tradicional das salinas é resiliente.

A paisagem vernacular das salinas de Figueira da Foz é caracterizada pelo uso continuado na produção artesanal de sal. Segundo Yamaki (2018), o caráter da paisagem é definido pelos: 1. Componentes, 2. Atributos, 3. Qualidade cênica e 4. Estrutura.

1. Os componentes fundamentais são: o sapal – planície inundável pelas marés, a vegetação rasteira, os caminhos labirínticos, os canais e compartimentos de cristalização, e barracões de sal.
2. Os atributos de paisagem das salinas, por sua vez, podem ser identificados como o contraste entre caminhos e espelhos d'água, os visuais sempre abertos em qualquer direção, horizonte de poucas camadas, ausência de ponto focal com exceção da ponte, originalidade de conjunto de salinas e direção de ventos associado aos módulos de cristalização.
3. Sobre a qualidade cênica das salinas, a amplitude visual, a profundidade reconhecível pela plataforma dos caminhos, com respectivos barracões de sal, que permitem visualizar camadas, padrões tradicionais de implantação de canais e tanques de cristalização.
4. A estrutura da paisagem é definida pelo rio Mondego que delimita o território da ilha, os eixos transversais dos canais e caminhos principais e as ramificações internas. O sentido é definido pelo sol e vento que influenciam a implantação e orientação dos componentes.

A continuação da atividade salineira desde o tempo medieval, a possibilidade de leitura imediata do conjunto e os saberes tradicionais aplicados à atividade, resultam na possibilidade de identificação do caráter da paisagem das salinas em Figueira da Foz.

Finalmente, este modo de produção do sal foi levado ao Brasil no final do século XIX pelos imigrantes portugueses. Resultaram, por exemplo, nas salinas de Araruama no Rio de Janeiro BRASIL. Os portugueses exportaram paisagens.

Referências bibliográficas

- DGADR. Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural. Sal da Figueira da Foz/Flor de Sal da Figueira da Foz. **Produtos tradicionais portugueses**, 2019. Disponível em: <<https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cal/sal-marinho-e-flor-de-sal/104-sal-da-figueira-da-foz-flor-de-sal-da-figueira-da-foz>>. Acesso em: 30 outubro 2019.
- ECOSAL. **Salgado da Figueira da Foz**. Ecosal Atlantis, 2019. Disponível em: <<http://ecosal-atlantis.ua.pt/index.php?q=content/salgado-da-figueira-da-foz>>. Acesso em: 30 outubro 2019.
- FRANK, B.; H. YAMAKI. **Invernada como Paisagem-Tipo Invernada**. geógrafar Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, v. 13, p. 253-267, 2018.
- JACKSON, J.B.; **Discovering the vernacular Landscape**. Yale University Press PEREIRA, J. V. C. Salinas. Revista de Geografia do IBGE, Rio de Janeiro, 1944. 137-141.
- MEYER, M.; **Identifying Scenic Views: Where they are and why they are important**. Proceedings of the 2015 George Wright Conference on Parks, Michigan, 2016
- NUCLEO MUSEOLÓGICO DO SAL, Folder, Disponível em <<https://issuu.com/cm-igfoz/docs/doc20141031150800> — claudia_rocha_> acesso em 30 Outubro 2019.
- RAU, Virginia, 1984 **Estudos sobre a História do Sal Portugueses**, 1984 apud DGADR Sal da Figueira da Foz, 2019.
- YAMAKI, H. **Notas de Campo : Coimbra e arredores**. [S.l.]: [s.n.], 2019.

Agradecimentos

Esse artigo é o resultado de trabalho de campo realizado em Figueira da Foz em Junho e Julho de 2019 como parte da Missão de Trabalho do Projeto FCT CAPES. Tivemos como orientadores do trabalho de campo, os professores Lucio Cunha, Paulo Nossa e Isabel Paiva da Univ. Coimbra. Agradecimentos aos professores e à CAPES FCT.